

LIDERANÇA COM CONFIANÇA: A OBRA É DO CRISTO!

*Tânia Santos de Melo*²⁵⁶

No IV Simpósio FAK, escrevi o meu primeiro artigo voltado para esse importante evento, com o título “Efetivação do apoio da arte, de forma ordinária, no processo de melhoria dos assistidos da FAK”.

Para escrever o artigo, foi necessário refletir sobre algumas questões de essência como: O que é Arte espírita? Quem é o Trabalhador da Arte Espírita? Para onde e como queremos caminhar, considerando a diretoria de artes como atividade meio?²⁵⁷

Ao definir Arte Espírita nos baseamos mais especificamente nos pensamentos de Emmanuel, na obra O Consolador, e em Léon Dennis, na obra O Espiritismo na Arte. Para Emmanuel o conceito é bastante profundo:

A arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse “mais além” que polariza as esperanças da alma (Emmanuel, O Consolador, Q-161).

Léon Dennis complementa nos indicando os benefícios da arte para o trabalhador e para quem a contempla:

A Arte é, por si mesma, plena de ensinamentos, de revelações, de luz. Ela arrasta a alma em direção às regiões da vida espiritual, que é a verdadeira vida, e que a alma anseia tornar a encontrar um dia (DENIS, p. 41, 2013).

Estas duas citações traduzem grande parte do que quisemos expressar no artigo. Mas, no processo de desenvolvimento do trabalho, além de refletir sobre as questões acima citadas, também foi preciso um olhar sobre a caminhada do que inicialmente era um grupo de artes na Casa, que passou posteriormente para uma estrutura de núcleo, para enfim, com as mudanças estatutárias ocorridas na Fundação Allan Kardec em 2014, passar para a estrutura de diretoria (DART – Diretoria de Atividades Artísticas), integrando a área de gestão denominada Aplicação da Mediunidade e da Arte.

Após a contextualização e reflexão dessas questões expostas, chegamos à compreensão de que a arte reunia em si recursos que facilitam o aprendizado, minimizam as aflições e inquietudes da alma, propiciam sintonia com o sagrado e estimulam o exercício da caridade através do trabalho no bem e da vivência cristã. Somou-se a isso o que estava sendo descrito no novo Estatuto da FAK, que colocava a DART como atividade especial. Assim, fomos

²⁵⁶ Trabalhadora da Diretoria de Provisões de Recursos Mediúnicos - DPRM

²⁵⁷ Atividade meio era o termo utilizado antes de vigorar o novo estatuto da FAK de 2014, que passou a classificar a Área Aplicação da Mediunidade e da Arte como atividade especial.

impulsionados a atuar de forma sistemática e regular, sobretudo, nas áreas de atuação ligadas às atividades-fim da Instituição, descritas em seu Estatuto (FAK, 2014).

Por tudo isso, ao final do artigo, foi colocada uma proposta com o objetivo de estruturar uma atividade ordinária para a DART de apoio aos assistidos ligados às atividades-fim da FAK.

A Escolha do tema veio num momento em que assumi um compromisso com a liderança na diretoria de arte. Um momento diferente de vivência e aprendizado, ainda que já estivesse vinculada à esta área desde que ingressei na Fundação Allan Kardec, há aproximadamente vinte e oito anos.

Escrever o artigo foi uma espécie de preparação para entrar de forma mais profunda na área e enxergar possibilidades de cooperar com a atividade e com os seus trabalhadores, contribuindo em primeiro lugar para comigo mesma, naturalmente.

Participante regular da atividade por muitos anos, tinha inicialmente um compromisso maior com a divulgação da arte, com uma performance mais voltada para atuação em teatro.

Neste novo momento, me vi convidada a pensar na arte ampliando sua possibilidade de apoio dentro da FAK, como também na necessidade de adequar a estrutura da diretoria às demais diretorias da Casa.

Outro aspecto mais evidenciado foi refletir sobre o trabalhador da arte como médium. Neste sentido, houve maior vínculo ainda com o tema, pois em minha jornada como espírito tenho identificado cada vez mais o compromisso com a utilização nobre da mediunidade. Arte e mediunidade não são meramente composições de uma área de gestão, é uma forma de perceber minhas potencialidades de espírito imortal e aplicá-las ao bem, independente da tarefa à qual me vincule.

Pensar no processo da arte na Fundação Allan Kardec me fez refletir que assim como as atividades, as pessoas também passam por fases e ciclos e, enquanto trabalhadores espíritas, percebemos a necessidade de olhar a caminhada e amadurecermos sobre nossos papéis, não somente na casa espírita, mas na vida.

Já ao pensar no trabalhador da arte como médium, ampliei minha visão do compromisso que tenho em minha reforma íntima, pois em sendo o verdadeiro artista o médium das belezas eternas, somos convidados a sermos pessoas melhores, a nos esforçarmos para alcançarmos as belezas divinas, que é o que a arte pode proporcionar.

Para sermos melhores é necessário identificarmos o que ainda não é conquista. É preciso passar por desafios que naturalmente impulsionam o crescimento do ser. Assim, minhas reflexões acerca da tarefa me fizeram identificar que um grande desafio vivenciado na área é o de aceitar o papel da liderança. Olhar mais para o outro. Não ter a atividade em si como o principal foco tem sido um aprendizado. O líder é aquele que busca apoiar o desenvolvimento do outro. O equilíbrio entre buscar a harmonia da atividade

com o bem-estar dos seus trabalhadores é desafiador. A dedicação, a amorosidade, a escuta ativa, a paciência, a amizade são atributos necessários ao líder, assim como a assertividade e a coragem do “sim, sim; não, não”. Neste processo, às vezes sentimos solidão, a solidão daquele que precisa tomar decisões e nem sempre conta com a aprovação de todos. Neste sentido, foi importante exercitar a confiança e compreender que fazer o nosso melhor é o essencial, é o que basta!

Em 2010, o Espírito Carlos Theodoro Gonçalves, através de mensagem psicofônica recebida pela médium Josie Nobre, trouxe um conceito de líder que é motivo de grandes reflexões para nós espíritas:

“Líder é todo aquele que compreendeu que a grandeza de seu papel é a possibilidade de caminhar ao lado das pessoas buscando extrair o que há de melhor nelas. Líder não influencia por vaidade, líder não impõe o caminho ditatorialmente, líder não diz o que é melhor por orgulho. Aquele que lidera com Jesus se aproxima, ama, ausculta a alma de seu irmão, e dessa convivência salutar aufere o melhor para si e auxilia o outro a extrair o melhor de si mesmo. Mas para sermos exitosos neste propósito de liderar desta forma, é preciso sentir-se, é preciso amar, porque é o amor que permite que acessemos a sabedoria divina. A sabedoria de Deus não nos habita. Criados como seres simples e ignorantes e estando em marcha evolutiva, não somos sábios conhecedores do melhor. E nossa ferramenta de evolução é o amor. Amamos, e por amar nos harmonizamos com Deus, e, ao nos harmonizarmos com Ele, temos acesso às Suas Verdades. A vivência desta harmonia nos propicia o ambiente de liberdade amorosa, fraternidade e igualdade” (Reunião da Diretoria Colegiada da FAK, em 10/11/2012).

O amigo espiritual nos faz aprofundar a visão do papel do líder e mostra as oportunidades de crescimento que podemos ter ao exercê-lo. O conceito é profundo e fala da prática do amor como ferramenta de evolução. Um pouco diferente dos conceitos aos quais estamos acostumados a ver no mundo corporativo, há a referência ao aprendizado pela convivência salutar, pela fraternidade, com o exercício do nosso melhor incentivando e extraindo o melhor do outro. Dentro da Casa Espírita podemos tender algumas vezes a zelar mais pela atividade do que pelas relações, por vezes até esquecendo que os trabalhadores também são assistidos, assim como os que procuram as atividades na qualidade de apenas assistidos. Se observarmos com atenção, perceberemos que convivemos mais tempo com os trabalhadores do que com os assistidos. Isso é motivo para pensarmos sobre com quem realmente devemos exercitar nossas relações e conviver de forma harmônica, doando o nosso melhor.

Obviamente desejaremos sempre o melhor para nossas atividades e que elas transcorram sempre na mais perfeita harmonia, dentro dos conceitos que trazemos de harmonia. Mas, naturalmente, nessa convivência maior entre trabalhadores, vão surgir desafios, como: formas de pensar diferente; desafios da vida pessoal que podem esmorecer à vontade, fragilizando o companheiro;

lutas íntimas que podem trazer desequilíbrios temporários; falta de afinidades, dentre outras circunstâncias que têm ressonância na tarefa, que então se mostra como grande laboratório de almas, afins ou não, para que mutuamente se apoiem e exercitem a fraternidade.

Ainda refletindo sobre o meu aprendizado, outro aspecto que amadureci foi o de compreender que em a obra sendo do Cristo precisamos exercitar mais a confiança, a fé. Considero de forma mais clara que existe no Plano Espiritual um projeto para cada atividade, o que nos acostumamos a chamar de matrizes espirituais. Nosso papel de líder espírita é considerar essas matrizes e nos esforçarmos para nos aproximarmos ao máximo delas, no processo de aprimorar as atividades da Casa, de maneira que ao longo do tempo possamos seguir avaliando as estruturas e se estamos todos crescendo. Porque então me agastar tanto com questões que fogem ao meu controle? Porque me inquietar de maneira que a alegria no servir às vezes fica distante? Agora me faço essas perguntas com maior frequência ou todas as vezes que surge um desafio e penso em esmorecer. Sendo a tarefa do Cristo, não estamos sozinhos, existindo uma organização maior do que a nossa visão pode alcançar.

Diante dessas observações, posso dizer que um grande aprendizado após escrever o artigo, aplicá-lo nas diretrizes e vivenciar a diretoria, foi aprender a confiar mais na Providência Divina e no apoio dos amigos espirituais, entendendo que de fato não estamos sós, compreendendo melhor o termo “a obra é do Cristo”. É preciso saber esperar, porque tudo tem seu tempo. Esta é uma lição que eu ainda estou estudando e exercitando. O tempo é de Deus!

Por todas essas reflexões, considero que o estudo do tema foi muito importante para meu novo ciclo, iniciado com o papel de diretora da DART. Por um lado, pelo fato de exercitar fazer o “*download*” das matrizes da atividade, considerando que estávamos naquela época num momento em que precisávamos revisar as diretrizes da diretoria, criadas em 2009. A revisão também foi impulsionada pelo novo Estatuto da Fundação Allan Kardec, que colocou a arte como atividade transversal, apoiando as demais áreas da instituição. O exercício desse “*download*” nos aproxima mais da espiritualidade amiga e nos trás a ciência de uma obra que é coletiva.

Por outro lado, a vivência da liderança radiografou necessidades de melhorias íntimas que antes não enxergava, como o exercício da persistência, da paciência e da confiança, que estão contribuindo para meu crescimento, ainda que não estejam consumadas como conquistas. Ou seja, o estudo do tema me suscitou identificar realizações ainda necessárias e apontou inquietudes e comportamentos que requerem atenção, me auxiliando assim a pensar e direcionar minhas realizações futuras.

Os meus compromissos devem estar diretamente ligados às minhas necessidades, sendo as tarefas apenas os meios para que eu possa atendê-los. Identificar minhas necessidades é um grande passo para que a tarefa à qual me vincule seja de fato instrumento para meu aperfeiçoamento.

O convite à liderança é um convite ao exercício do amor, vencendo o personalismo tão arraigado em nós que, na maioria das vezes, queremos o que é nosso e não verdadeiramente o que é do Cristo.

A confiança deve ser uma busca constante aos que abraçam a Doutrina Espírita. Ela só será concreta se compreendermos porque devemos assumir determinados papéis, entendendo o que é preciso fazer, como e porque devemos fazer. A confiança impulsiona nossos esforços.

Gostaria de concluir com um trecho da mensagem “Apóstolos de Hoje”, do Espírito Irmão Clementino, recebida em 14 de julho de 2014, na atividade do Correio do Amor:

“Importante observarmos o que, em comum, caracteriza a vitória do cristão-apóstolo: o amor e a confiança em Deus, o sacrifício pelo trabalho e a abnegação, responsáveis pela instalação do reino de Deus em si mesmo. Imperioso compreender a missão do Nazareno e superar o movimento precípua de atender a interesses próprios, vendo no Cristo o meio para consecução desse intento. Somente assim, teremos condições de sermos pastores de ovelhas. É preciso confiar na misericórdia divina e reconhecer que a construção do reino de Deus é longa, especialmente porque começa dentro de nós mesmos”.

Sigo, pois, refletindo sobre o que tenho buscado todos esses anos nas fileiras da lide espírita, estando um pouco mais consciente da necessidade de confiar em Deus e seguir fazendo o meu melhor, lutando ainda por desenvolver algumas habilidades para que, através da liderança, possa conquistar um dia uma conduta verdadeiramente cristã.